

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## **Mulheres feirantes: Cotidiano, trabalho, protagonismo e articulações femininas na feira livre em Caetité – BA (1991 a 2019)**

Jumara Carla Azevedo Ramos Carvalho  
Mestre em História Social  
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES  
jumaracarla@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar o cotidiano, o trabalho, o protagonismo e articulações das mulheres feirantes em Caetité- Bahia, entre os anos de 1991 a 2019. Trata-se de um estudo a ser realizado a partir das narrativas orais das mulheres a partir da memória, de suas experiências, de seu protagonismo e suas articulações na arte de vender e sobreviver no alto sertão da Bahia, em Caetité. Pensar as ações dessas mulheres como sujeito plural e protagonista de suas histórias e da região é pensar também em ações de autonomia e desenvolvimento econômico na luta pela sobrevivência e emancipação, sem perder de vista os adicionais desafios impostos pela desigualdade de gênero, criação dos filhos, enfrentamento de situações de preconceito, discriminação e dominação masculina que perpassam o papel social dessas mulheres que desenvolvem, enquanto sujeitos, estratégias e táticas de poder. Trazer esses sujeitos para o cerne da pesquisa configura-se uma ampliação e uma maior reflexão sobre a temática que envolve o trabalho feminino, espaço público, ponto de comércio, local de entretenimento, de arte, de histórias e de vivências, um espaço que sempre esteve presente no cotidiano da cidade. Além de tudo isso um espaço de emancipação feminina sem o qual não se compreende a história da região. O recorte temporal desta pesquisa remete ao ano de 1991, devido à ampliação e inauguração de novos espaços na feira e uma maior inserção das mulheres nestes postos de trabalho, prossegue-se a investigação até o ano de 2019, período que antecede a pandemia. Firma-se o objetivo de trabalhar com as mulheres feirantes de Caetité, pois a feira livre constitui-se como um espaço plural, um lugar para o comércio, a arte, os encontros, as conversas e principalmente um lugar democrático, de muitas histórias e de muitas vivências de sujeitos que contribuiu e contribuem para a economia local, sustento familiar e independência financeira. O aporte metodológico da pesquisa baseará na história oral, método de caráter interdisciplinar e com possibilidades interpretativas das narrativas femininas privilegiará em seu percurso a subjetividade e a memória desses sujeitos que potencializarão as experiências de trabalho das mulheres e quiçá de grupos sociais a margem da sociedade.

**Palavras-chave:** Mulheres; Feira livre; Cotidiano; Protagonismo; Articulações.

**Mulheres no espaço público**

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A questão que norteia este trabalho veio com o desenrolar de observações, leituras e análises sobre a “saída” das mulheres do espaço privado do lar para locais públicos em busca de trabalho, direitos e reconhecimento. A partir dessa reflexão, pretende-se demonstrar a atuação feminina no espaço público e os vários papéis por elas desempenhados como mulher e como feirante, pois a feira livre constitui-se como um espaço plural, um lugar para o comércio, a arte, os encontros, as conversas e principalmente um lugar democrático, de muitas narrativas da memória e de muitas vivências de sujeitos que contribuiu e ainda contribuem para a economia local, sustento familiar e para independência financeira. Neste sentido, como afirma Braudel (1998 p. 6), a feira configura-se como “um centro natural da vida social” e é neste ambiente que processará o trabalho, pois ao observar o espaço, os sujeitos e as relações de sociabilidades que compõe a feira livre de Caetité foram surgindo motivações e indagações para a pesquisa sobre a história das mulheres, da família, do cotidiano e do poder feminino no alto sertão da Bahia com a atuação das mulheres em ambientes públicos, fomentando o desenvolvimento econômico local e contradizendo, assim, rótulos de mulheres submissas e senhoras do lar.

Tendo como cerne de análise sujeitos até então excluídos desse processo, a partir de estudos sobre o cotidiano, o trabalho e o protagonismo feminino inserido numa base territorial, no espaço da feira livre como um lugar para a realização do comércio, do desenvolvimento local e acima de tudo um lugar de mudanças sociais, onde as mulheres, ao saírem de suas casas, estão inseridas em outro cenário, com papéis definidos na luta pela conquista de seus direitos, pela autonomia e acima de tudo a conquista do espaço e sua constituição enquanto sujeito em uma sociedade que ainda discrimina e rotula, desrespeitando os seus direitos enquanto cidadãs.

Com ênfase nas narrativas femininas é possível apreender amplos aspectos da vida social, econômica, política e cultural das mulheres, com estudos voltados para o desenvolvimento socioeconômico, protagonismo feminino e regionalismo, enveredando-se para uma análise da história regional e local com suas especificidades, o que consiste numa:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

[...] proposta de estudo de atividades de determinado grupo social historicamente constituído, conectado numa base territorial com vínculos de afinidades, com manifestações culturais, organização comunitária, práticas econômicas, identificando-se suas interações internas e articulações exteriores e mantendo-se a perspectivas da totalidade histórica (NEVES, 2002, p. 45).

A pesquisa, em andamento, destina-se à análise do cotidiano e do trabalho feminino na feira livre de Caetité<sup>1</sup>, no alto sertão da Bahia<sup>2</sup>. Trata-se de um estudo a ser realizado a partir das narrativas orais das mulheres feirantes, no intuito de analisar a inserção e a consolidação do trabalho feminino, investigando as ações cotidianas que revelam o protagonismo e o poder dessas mulheres na arte de vender e de se fazer presente em um ambiente de trabalho informal, entre os anos de 1991 a 2019.

Ao analisar o cotidiano das mulheres feirantes, poderão ser identificados e inter-relacionados aspectos das estruturas econômicas e sociais de cunho local, regional e nacional, em virtude do seu protagonismo, dinamismo e participação em diversos espaços. Esse cotidiano tem uma dimensão relacional com o poder em todas as esferas, sejam elas no espaço privado ou público. Assim, neste trabalho, entendemos que o poder não está restrito às instituições políticas e, conforme define Michel Foucault:

“(…) O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, 2004, p. 193).

Assim, pensando nesses sujeitos femininos e sua inserção no quadro social e econômico hierárquico, pretensamente masculino, firma-se o objetivo de trabalhar com as mulheres feirantes de Caetité, buscando compreender as articulações das mulheres feirantes como sujeito plural e protagonista de suas histórias a partir da investigação das ações

---

<sup>1</sup> De acordo com SANTOS (2001, p. 35): “A cidade de Caetité situa-se na vertente oriental da Serra Geral, a 830 metros acima do nível do mar, e o município divide-se entre a zona das caatingas e a dos gerais, duas regiões distintas. A Ocupação da região, segundo a tradição, remonta ao século XVIII, quando colonos portugueses se fixaram no Sítio do Caitates, que se tornou lugar de pouso de viajantes, sertanistas e bandeirantes, em busca do ouro e do comércio de gado”.

<sup>2</sup> Definido por NEVES da seguinte maneira: “geralmente definem a região de modo pouco precisa, física ou socioeconomicamente, como área que se pretende delimitar, com critérios parciais da espacialidade, que recortam a base física: região semi-árida, demarcada por fenômenos climáticos, região do sertão, caracterizada pela morfologia da vegetação, região do Alto Sertão da Bahia, referenciada na posição relativa ao curso do Rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta para maiores altitudes”(NEVES, 1998, p. 22).

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

de autonomia e desenvolvimento econômico na luta pelo trabalho e emancipação, sem perder de vista os adicionais desafios impostos pela desigualdade de gênero na criação dos filhos, no enfrentamento de situações de preconceito, discriminação e dominação masculina que perpassam o papel social dessas mulheres que desenvolvem, enquanto sujeitos, estratégias e táticas de poder. A feira é central na existência da cidade, e assim, pretende-se demonstrar por esta pesquisa, que na sua base está o trabalho e o protagonismo feminino.

Para desenvolver esta pesquisa, pode-se fundamentar, nos estudos sobre a História das Mulheres, que servirão de bases teóricas para compor o trabalho ancorado nas seguintes autoras: PERROT (1998), que discute a impossibilidade de uma história sem a participação das mulheres e enfatiza o movimento da história criado por elas com suas ações e com suas práticas. SCOTT (1992), discute o surgimento do campo de estudo da “História das Mulheres” a partir da política feminista na luta pelo reconhecimento da participação feminina na história, visando provar a ação e a atuação das mulheres, e traz para o centro do debate a opressão sofrida por esses sujeitos e o incentivo de luta em prol da igualdade.

SOIHET (2006) destaca a ação das mulheres antes das lutas feministas registrando que as mulheres já contrariavam a ideia corrente de total submissão e que empregavam táticas que lhes permitiam reempregar os signos da dominação. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, configurando sua mais evidente ocupação do espaço público, e com as lutas dos movimentos feministas, houve uma redefinição do papel da mulher na sociedade que, segundo RAGO (2004), elas não só entraram no mundo da cultura, dos negócios e da política, mas também começaram a feminizar a existência social, com suas práticas e olhares diferenciados.

As autoras MATOS; BORELLI (2013) aborda a presença marcante e evidente das mulheres no mundo do trabalho como uma das maiores transformações dos últimos cem anos, desde o processo de modernização e transformações sociais pelo qual o Brasil passou no início do século XX até a entrada das mulheres no setor industrial.

E nas cidades interioranas como, por exemplo, em Caetité, onde não existiam as indústrias, as mulheres realizavam atividades laborais no comércio, escolas, casas de famílias, hospitais, repartições públicas, feiras etc., marcando sua presença no espaço público e sua inserção como agente do desenvolvimento socioeconômico do

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

lugar. Na zona rural o seu trabalho estendia desde a lida diária com os afazeres domésticos, as lavouras de subsistências e a produção de gêneros alimentícios que poderiam servir para o consumo e a comercialização feita por elas ou por outros agentes.

E ainda pode-se afirmar que as mulheres sempre trabalharam, embora elas nem sempre exercessem “profissões” remuneradas (PERROT, 2005) e suas atividades laborais estão presentes em diferentes épocas e espaços. Resistir à dominação masculina, buscar sua independência ou gerar o sustento da família. Situações desafiantes para esses sujeitos que esbarravam na burocratização da lei, discriminação e preconceito “ocupando brechas no mundo do trabalho ou tomando para si postos e colocações antes vetados ou inacessíveis” o que pode ser verificado com a ocupação em cargos públicos e em diferentes setores.

Vale ressaltar também a entrada das mulheres no mercado de trabalho não só como funcionárias, mas também como donas do seu próprio negócio. Todas essas discussões englobam questões de gênero e trabalho e estão presentes na feira livre, em Caetité.

Se analisarmos a “feira” desde os tempos da antiguidade podemos perceber que ela existia no ocidente com o intuito de realizar a troca de mercadorias entre as pessoas e em diferentes lugares para sanar suas necessidades básicas. Com o passar dos tempos essas feiras, principalmente na Europa Ocidental, passaram a incorporar novos elementos que não estavam apenas voltados para o comércio, mas também para o entretenimento, diversão, encontros amorosos, busca de novidades e lazer (BURKE, 1989).

Além do papel social desempenhado pelas feiras, elas também representaram um crescimento econômico nos lugares e regiões em que existiram, pois com o advento do capitalismo esse ambiente de troca passou a ganhar um valor econômico bem maior, devido à circulação do dinheiro e o poder aquisitivo que ali era imposto, além do mais, podemos citar o surgimento e crescimento de várias cidades que se transformaram em grandes centros econômicos da região.

No Brasil a sua existência vêm desde o período colonial e permanece até os dias atuais. Nas grandes metrópoles ou nas pequenas cidades a feira constitui-se como

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

um amplo mercado varejista, um espaço de interação, de sociabilidade e um ponto de encontro não só entre vendedores e compradores, mas também um ponto de encontro social, econômico e cultural e, por que não dizer, também político.

No cenário local, a feira livre de Caetité está localizada no centro da cidade, na Praça do Mercado, nomenclatura criada com a transferência da “antiga” feira, situada no Largo do Alegre, atual Praça Rodrigues Lima, no ano de 1966, sob a gestão municipal do prefeito José Neves Teixeira. Esse novo espaço possuía apenas um mercado, e em seu entorno havia barracas de diversos gêneros e também produtos expostos, sob uma lona ou pano no espaço livre da praça ou mesmo no chão da rua. Em 1991 foram inaugurados dois novos galpões na feira o que pode abarcar mais feirantes e com o passar dos anos novas reformas e ampliações foram realizada. Atualmente compõe a feira cinco mercados, sendo um desativado e outro em reforma. Em seus espaços verificam-se um número significativo de mulheres feirantes que dão visibilidade para a economia local.

A dinâmica da feira condensa experiências diversas, memórias e a identidade coletiva que merecem ser estudadas numa perspectiva social da história pensando e compreendendo “o modo de viver das pessoas a partir das histórias construídas no decorrer das experiências vivenciadas no cotidiano, desde as mais simples até as mais complexas” (CORDEIRO, 2013, p. 20).

Sendo assim, podemos afirmar que a composição da feira, sua importância local e o protagonismo feminino em suas atividades oferecem, contudo, uma perspectiva de análise na qual não é a saída da mulher do espaço privado, que seria seu por excelência, para o público, que se evidencia pela experiência histórica local, mas ao contrário, o que se apresenta, e se quer demonstrar, é a constante presença da mulher nas atividades econômicas de caráter público da região por boa parte de sua história.

Trazer esses sujeitos para o cerne da pesquisa configura-se uma ampliação e uma maior reflexão sobre a temática que envolve o trabalho feminino, na feira, espaço público, um espaço também de emancipação feminina sem o qual não se compreende a história da região.

### **Proposta metodológica**

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A metodologia da pesquisa se baseará no método da história oral com possibilidades interpretativas das narrativas femininas a partir da memória. Essas memórias devem ser compreendidas como um fator social com relação entre o individual e o coletivo, pode dizer ainda que a memória se processa o tempo todo, culminando com novos cenários e redefinindo o papel do sujeito, como refletiu Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2013), método que norteará a pesquisa, pois podemos dizer que através das narrativas orais teremos a possibilidade de análise e interpretação do objeto de estudo.

O trabalho privilegiará a realização de entrevistas desses sujeitos que potencializarão as experiências de trabalho das mulheres e quiçá de grupos sociais a margem da sociedade, pois “ao analisar as narrativas da memória dessas atoras sociais queremos pensar também as histórias de muitas mulheres que viveram e construíram uma trajetória de muitas lutas e conquistas em uma sociedade que não tinha espaço para elas” (CORDEIRO, 2013, p. 22).

A respeito das entrevistas podemos dizer que:

“(…) aqueles que narram suas vidas se estabelecem numa relação dialógica, de interação entre quem fala e quem ouve, estabelece-se que, a partir de situações provocadas, são formulados resultados que se constituem como finalidades dos encontros gravados” (MEIHY e SEAWRIGHT, 2020, p. 20).

A entrevista em história oral jamais pode ser uma coleta de dados, um preenchimento de lacunas entre o entrevistado e o entrevistador. Ela exige tempo, técnica e habilidades para interpretar o dizível e o indizível, pois trabalhar com a história oral é trazer a subjetividade à tona, é também, problematizar as ações dos sujeitos, as emoções e os silêncios por “intermédio da memória dos informantes” (FERREIRA e AMADO, 2020) sendo que eles não respondem apenas aos interesses do entrevistador, eles também têm seus próprios interesses de projetar uma memória, de propor uma narrativa e até de defender outros aspectos que não foram cogitados.

Ainda sobre a memória Pierre Nora enfatiza que:

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela esta em permanente evolução, aberto a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sucedidas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longa latência e de repentinas revitalizações. (...) A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (...) Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. (...) A memória emerge de um grupo que ela une. (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1993, p.9).

Trazer à tona as narrativas orais de um determinado grupo, em especial as mulheres feirantes, numa análise da história local é dar voz e vez a esses sujeitos que ao exercer uma atividade comercial para essas mulheres significou uma ruptura de tradições patriarcais com predomínio de direitos do homem, essa ruptura significou, também, a abertura de um caminho em prol dos seus direitos. Muitas dessas mulheres ocuparam os postos de trabalho com os seus saberes de costureiras, boleiras, cozinheiras, artesãs, vendedoras, etc., e levaram para a feira tudo o que já sabiam fazer aperfeiçoando-os no dia a dia.

Residentes na cidade ou na zona rural do município, analfabetas, formadas, casadas, viúvas, solteiras, jovens e idosas essas mulheres poderão deixar suas percepções, suas escolhas, experiências e vivências transmitidas na oralidade e em suas ações cotidianas fortalecendo seus posicionamentos dentro de uma dinâmica social, pois ao contar suas experiências significa selecionar e organizar os acontecimentos de acordo com seus referenciais do tempo presente, projetando-lhes um sentido e transformando em linguagem aquilo que foi vivenciado, pois para René Rémond a:

“reintegração do tempo presente faz varrer da visão da história, os últimos vestígios do positivismo: o historiador do tempo presente sabe o quanto sua objetividade é frágil, que seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribuiu para construí-los” (RÉMOND, 1996, p. 208).

Ademais, vale ressaltar, primeiramente, que foi feita uma revisão da literatura para analisar as abordagens mencionadas por outros autores sobre a questão do trabalho feminino em feiras. Foi necessário também buscar outras fontes<sup>3</sup> como:

---

<sup>3</sup> Nota-se que para realização desta pesquisa não foi encontrado nenhum banco de dados cadastrais dos feirantes de forma organizada. As poucas informações cedidas por funcionários da Prefeitura Municipal

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

projetos, leis, regimentos, ficha cadastral, doações dos boxes, impostos cobrados e projetos de desenvolvimento social, etc., elaborado e executado por órgãos municipal como: a Prefeitura, as Secretarias de Desenvolvimento Social e Infraestrutura, a Câmara de Vereadores, o Arquivo Público Municipal, a Cúria Diocesana e a literatura memorialista para compreender o contexto, as transformações, e as consequências sociais que esses sujeitos vem passando ao longo dos anos. Todas essas ações foram de fundamental importância para se pensar a problemática da pesquisa: como se deu a inserção, consolidação do trabalho feminino na feira livre no período de 1991 a 2019, analisando as ações cotidianas que revelam o seu protagonismo, suas histórias, memórias e o seu poder em um ambiente ainda tido e percebido como de domínio masculino?

Certamente, com o desenrolar dos estudos novas evidências, novos olhares conduzirão o trabalho, mas as fontes e a metodologia já apontadas sinalizam a possibilidade de concretização dessa pesquisa que pretende investigar alguns aspectos do cotidiano e do trabalho feminino na feira livre, em Caetitê.

## **Possíveis considerações**

Este trabalho, em fase de conclusão, nos permitirá uma análise do cotidiano e do trabalho feminino na feira livre, em Caetitê-Bahia, através das narrativas orais dessas mulheres, da memória individual e coletiva que antes não foram relatadas e reveladas por elas. Neste sentido, a pesquisa nos possibilitará escrever, reforçar, empoderar ações e práticas desses sujeitos que buscaram em seu trabalho formas de driblar determinadas posturas patriarcais e se fazer presente em um espaço plural e diversificado da feira, em seus amplos aspectos: cultural, social, econômico e político.

## **REFERÊNCIAS**

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2

---

não é capaz de responder a vários questionamentos que a pesquisa exige. Trabalho ainda não concluído devido à dificuldade em encontrar todos os registros.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORDEIRO, Filomena Luciene Reis. **Universo Feminino**: Academia Feminina de Letras de Montes Claros. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andréa. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 126-147.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma Comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (História Regional e Local)**. Salvador: EDUFBA: Feira de Santana: UEFS, 1998.

\_\_\_\_\_. **História regional e local**: Fragmentação e Recomposição da História na Crise da Modernidade. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, G., RECAMÁN, M., OLIVEIRA, S. (orgs.) **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RÉMOND, René. “Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução” In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral.** Rio de Janeiro. FGV, 2006.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Cidade e Memória:** Dimensões da Vida Urbana – Caeté 1940-1960. 2001. 194f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - UNRIO, Rio de Janeiro, 2001.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História:** novas perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-96.

SOIHET, Rachel. **O feminismo tático de Bertha Lutz.** Santa Cruz do Sul – Florianópolis: EDUNISC, 2006.